

### Escavações no Castro de Carvalhelhos (Campanha de 1964)

O pequeno Castro de Carvalhelhos situado na freguesia de Beça, concelho de Boticas, fica num cabeço sobranceiro às afamadas Caldas Santas de Carvalhelhos e delas distante cerca de 400 m.

Dele me ocupei em trabalho publicado em 1958 <sup>(1)</sup> e numa nota referente às escavações feitas no verão de 1963 <sup>(2)</sup>.

No verão de 1964, durante o mês de Agosto, fiz nova campanha de escavações aguilhoado pelo aparecimento no ano anterior dum denário de prata de Augusto, de uma fivela circular ou em ómega, de bronze, e de uma linda fíbula também de bronze, do tipo a que José Fortes chamou «de charneira curta e pé com botão terminal».

Estas peças de bronze e a moeda de prata apareceram nos dois últimos dias da escavação no mês de Agosto de 1963, ao lado de cima do muro que corre um pouco abaixo do meio da vertente leste do castro e faz parte dum cercado ou cerrado de forma sensivelmente oval ou subtriangular.

Foi ao longo e à parte de cima deste muro que, especialmente, incidiram as escavações em Agosto de 1964.

Toda a terra foi cuidadosamente crivada.

O espólio, dum modo geral, continua a ser escasso e muito fragmentado, o que parece denotar remeximentos sucessivos.

*Cerâmica:* Pouco abundante. Tudo muito quebrado. Alguns fragmentos de pouco mais de 1 cm de lado e outros ainda menores. Superfícies de fractura velhas. Vários tipos de cerâmica; quase toda grosseira, granosa, micácea e sem ornamentação.

Merecem especial referência 2 fragmentos. Um subquadrado com cerca de 5 cm de lado, ornamentado com cordão saliente, e logo por baixo um orifício que pode ter servido de suspensão.

O outro fragmento cerâmico de contorno poligonal irregular, com 5 cm  $\times$  4 cm, apresenta-se ornamentado: dois sulcos para-

(1) Santos Júnior, *O Castro de Carvalhelhos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Vol. XVI, Porto, 1958, págs. 25 a 62, 29 figs.

(2) Idem, *Escavações no Castro de Carvalhelhos — Campanha de 1963*, id., id., Vol. XIX, Porto, págs. 187 a 193, 3 figs.



Fig. 1 — Ponta sul do cercado na vertente leste do Castro de Carvalhelhos. Foi à parte de cima do muro do 1.º plano onde se vê a ciranda que incidiram especialmente as escavações no verão de 1964.



Fig. 2 — O local das escavações de 1964, visto do lado do sul.



Fig. 3 — Casa com vestibulo antes da limpeza do mesmo.



Fig. 4 — A mesma casa da figura anterior depois da limpeza do vestibulo e subseqente arrumo nas paredes das pedras ali encontradas.



Fig. 5 — Grandes pedras de granito que parece terem servido de soleiras de porta.



Fig. 6 — Recanto da passagem angular do recinto muralhado cimeiro para a vertente leste, perto e por cima da casa com vestibulo da fig. 4.



Fig. 7 — Moedas romanas de bronze. A de cima um ás de Tibério.  
A de baixo um ás de Augusto com orifício de suspensão.



Fig. 8 — Pedra de anel em vidro vulcânico com figura insculpida.

lelos separados de uns 8 milímetros têm a meio uma série de depressões punctiformes.

Há ainda que referir 5 cossoiros. Um deles é grosseiro; mais parece uma conta de colar. Dois reduzidos por fractura a menos de metade; um destes ornamentado nas duas faces com sulcos concêntricos com o orifício da respectiva perfuração. O outro, muito espesso, apresenta numa das faces duas covinhas.

Quatro pequenos discos circulares de cerâmica com 2 a 3 cm de diâmetro podem considerar-se como peças destinadas a jogos. São as conhecidas *taesserae*.

*Objectos de metal:* Continua a ser escasso o material metálico recolhido nas escavações do castro. Este ano, se bem que em quantidade pequena, já apareceram algumas peças de bronze e de ferro, este profundamente oxidado, a tal ponto que é difícil adivinhar a morfologia da respectiva peça tão grande é a quantidade de ferrugem encrostada.

Um prego de ferro de secção quadrada com 5 cm de comprimento e cabeça cónica, pouco oxidado, é muito provavelmente recente.

Alguns pedaços de ferro, bem densos e de superfícies verrugosas podem ser considerados como porções de lingotes resultantes da fusão do minério que serviu para a preparação ou extracção do ferro.

Apareceram algumas porções de minério escuro, partido em pedaços em média do tamanho duma avelã, que pode bem ter sido o mineral a tratar para extrair o ferro.

Apareceram alguns fragmentos de argila requeimada e bocados granosos também requeimados que lembram um pouco o grés. Ocorre-me a possibilidade de terem pertencido a um forno de fundição.

De bronze há 6 peças. Uma argolinha com um diâmetro de 11 mm, medida feita externamente ao fio delgadinho da mesma. Outra argola é formada por um fio de bronze de secção plano-convexa de pontas aguçadas que se encostam lado a lado numa extensão de cerca de 18 mm em feição espiralada. Esta argola com um diâmetro externo de 15 mm podia bem ter servido de anel; mais provavelmente seria usada como brinco.

Uma conta circular de bronze, de faces espalmadas, tem 13 mm de diâmetro por 8 mm de espessura, ou altura, e a meio um orifício perfeitamente circular, bem calibrado, com 2 mm de diâmetro.

Um estilete de bronze biacuminado, com 71 mm de comprimento, tem secção subquadrada e a meio uma espessura máxima de quase 4 mm.

Apareceram mais duas outras peças de cobre. Uma com 32 mm de comprimento tem uma porção mais larga com uma fenda rectangular. Esta peça é ornamentada nas duas faces por sulcos transversais. Pode bem ter pertencido a uma fíbula.

A outra peça é uma porção cilindrocónico ligeiramente arqueada com 33 mm de comprido. É difícil interpretar com segurança o objecto de que faria parte. Arco de fíbula?

*Cristais de quartzo*: Apareceram 2 cristais de quartzo hialino mais pequenos e menos perfeitos do que outros aparecidos em anos anteriores.

Uma pequenina conta vítrea de cor azul-claro com pequeno orifício de enfiadura, pode bem ser moderna.

*Escórias*: Nas escavações dos anos anteriores apareceram escórias de fundição de ferro, os *ferrinhos* como habitualmente o povo as designa.

Na escavação de 1964 as escórias apareceram em maior quantidade. Numa área de uns 30 m<sup>2</sup>, ou pouco mais, e em profundidade de cerca de 50 cm as escórias colhidas totalizam perto de 8 kg. Por via de regra em pequenos bocados; os dois maiores pesavam 300 g cada um.

A quantidade de escórias e os pedaços de barro requeimado levam a admitir a possível existência dum forno de fundição de ferro.

*Carvão*: Continuou a aparecer carvão, mais ou menos fragmentado.

Merecem referência especial, duas moedas romanas de bronze e uma pedra de anel com figura humana gravada.

*Moedas romanas*: No dia 8 de Agosto apareceu a primeira moeda, um ás de Tibério (1). A segunda moeda, também de bronze é um ás de Augusto (2) e apareceu dois dias depois.

O ás de Tibério está em parte cerceado como mostra a fig. 7.

---

(1) Tibério, imperador romano de seu nome completo, Tiberius Claudio Nero, enteado e sucessor de Augusto, imperou desde 14 d. c. a 37, ano em que foi estrangulado por ordem de Marco, prefeito dos pretorianos. Morreu com 78 anos.

(2) Augusto, primeiro imperador romano, de seu nome completo Caio Júlio César Octaviano, sobrinho e herdeiro de César. Nasceu em ano 63 a. C. e foi-lhe dado o nome de Caius Octavius Thurinus. No ano 43 começou a ser conhecido por Caius Julius Cesar Octavianus. Em 27 a. C. foi-lhe conferido o título de Augusto, atributo tão extraordinário que o converteu em imperador. Morreu no ano 14 a. C. com 75 anos de idade.

Anverso: cabeça laureada olhando à direita com a legenda em parte destruída. TI.AVGVS.DIVI AVGVSTI P. IMP. CAESAR.

Reverso: por cima do touro L.FVL SPARSO; por baixo do touro L. SATVRNINO; à esquerda, ou, melhor, na traseira do touro M.C.I.; à direita, ou, melhor, na dianteira do touro II VIR.

É moeda colonial cunhada na «ceca 2.<sup>a</sup> de Galagurris n.º 13», a actual Calahona na província de Logroño, segundo amável e amiga informação do ilustre Professor da Universidade de Madrid Prof. Doutor A. García y Bellido.

Ver: A Vives y Escudero, *La moneda hispanica*, Madrid, 1926, Lam. CLIX, 5; Hill, *Notes on the ancient coinage of Hispania Citerior*, New York, 1931, 179, VIII e Lam. XXXVII, 1.

O ás de Augusto está também em parte cerceado e a maior parte da legenda apagada. Apresenta junto do bordo e por cima do touro um orifício de suspensão.

Anverso: cabeça laureada olhando à direita e com grande desgaste das letras a legenda AVGVSTVS DIVI F.

Reverso: por cima do touro L. BACCIO; por baixo do touro MAN.FESTO; à traseira do touro C.V.I. CEL.; a frente do touro II VIR.

Moeda cunhada na «ceca 4.<sup>a</sup> de Celsa n.º 15».

Ver: A. Vives y Escudero, *La moneda hispanica*, cit. Lam. CLXI, 5.

Este ás de Augusto, como mostra a fig. 1, tem, como disse, orifício de suspensão. Esta moeda foi usada como pingente ou berloque.

As moedas, ou, talvez melhor, certas moedas, em todos os tempos e nas mais diversas regiões, foram utilizadas, e ainda hoje o são (1), de várias maneiras e com várias finalidades, em relação mais ou menos estreita com a magia e a religião.

O Prof. Leite de Vasconcelos tratou do emprego das moedas como amuletos ou «portebonheur» num trabalho intitulado *Signification religieuse ou magique en Lusitanie de quelques monnaies anciennes percées d'un trou de suspension*, que apresentou ao Congresso Internacional de Arqueologia realizado em Atenas em Abril de 1905, trabalho reproduzido nos seus *Opúsculos*, vol. V, Etnolo-

---

(1) Recordo o interesse que há alguns anos, em Espanha, era dado à aquisição das moedas portuguesas de 5\$00 e de 2\$50, em que figura um galeão de velas enfunadas, as «monedas de la caravela» como diziam as raparigas espanholas. Com estas moedas, vazadas seguindo o perfil do barco nelas insculpido, faziam especialmente pulseiras.

gia (Parte I), Impr. Nac. de Lisboa, 1938. Entre os exemplos apontados respigo da pág. 113 dos *Opúsculos*, os dois seguintes respeitantes a moedas portuguesas.

Conta Fernão Lopes (*Crónica de D. João I*), 1, 1, 90, 1.<sup>a</sup> ed.) que em Portugal o povo no séc. XIV atribuía virtudes maravilhosas aos reais de prata de D. João I, e por isso era frequente o uso de tal moeda pendurada ao pescoço.

No séc. XVII, D. Francisco Manuel de Melo, nos seus *Apólogos dialogais*, pág. 98, fala do vintém de S. Luís, sempre muito apreciado pelo povo e usado quer ao pescoço das crianças quer como berloque nas pulseiras das raparigas.

Na pág. 116 do trabalho que vimos seguindo, Leite de Vasconcelos escreve: «On trouve souvent dans mon pays des monnaies de l'époque romaine aux types des vaches et du taureau qui présentent, sur des bords, des trous faits postérieurement à la frappe, et pourtant anciens (ce qu'on reconnaît par la patine et par l'usure)».

Reproduz sete destas moedas romanas com orifício de suspensão.

Leite de Vasconcelos faz eruditas considerações sobre o assunto realçando o facto de «quant aux monnaies le taureau est un des types préférés par les villes d'Espagne», o que permite supor, como afirma o mesmo autor, que as vacas e o touro gozaram de marcada importância religiosa entre os Lusitanos e do mesmo modo noutros povos da antiguidade.

O ás de Augusto encontrado no castro de Carvalhelhos é mais uma moeda com orifício de suspensão em que figura um touro e que, portanto, é elemento adjuvante da suposição emitida pelo Prof. Leite de Vasconcelos.

*Pedra de anel*: Na cirandagem da terra apareceu no dia 14 de Agosto a pedra de anel que vai reproduzida na fig. 8, ampliada cerca de seis vezes.

Trata-se duma pedra de anel de forma elíptica com 12 mm por 10 mm, e a espessura de 1,8 mm.

Nela está finamente gravada a figura, talvez feminina, que aos especialistas cumpre esclarecer, atribuindo-lhe a justa significação.

A pedra escura tem uma translucidez cor de mel quando vista contra a luz.

Segundo o colega Doutor Montenegro de Andrade, Professor de Mineralogia da minha Faculdade, trata-se dum vidro vulcânico do tipo obsidiana, possivelmente de origem italiana.

Esta informação corrobora a hipótese posta na ocasião do achado de que provavelmente seria uma pedra de anel romano.

### Conclusões

À parte a limpeza da casa com vestíbulo (Figs. 3 e 4) cujo interior e espaço vestibular foram escavados, e com as pedras ali encontrados se refizeram, em parte, as paredes, a campanha de 1964 incidiu no ponto onde nas escavações de 1963 se encontraram o denário de prata de Augusto e a fíbula e a fivela, ambas de bronze, publicados no estudo atrás referido.

Em trabalho anterior disse que a falta de *tegula*, nos levava a crer que o castro não fora romanizado.

O aparecimento das moedas e da pedra de anel romano levam a reconsiderar e, se não a pôr inteiramente de lado o parecer formulado, pelo menos a pô-lo sob reserva.

Aliás quer as moedas quer a pedra de anel não constituem elementos ponderosos e provantes de marcada influência cultural.

Depois não podemos esquecer que os fossos, — e sobretudo o primeiro fosso, isto é, aquele que corre junto e paralelo à muralha — estavam atulhados com grande quantidade de pedra que pertencera às muralhas.

Se é certo que pode atribuir-se aos rapinantes das pedras da muralha — e tantos foram os que ali foram tirar pedra para construir casas na aldeia próxima — o enchimento parcial do primeiro fosso, a mesma razão não pode evocar-se para o atulhamento do segundo fosso.

Acresce o facto de, no primeiro fosso, quer no fundo quer a várias alturas, terem aparecido pedras de granito com uma das faces bem afeiçãoada a pico, pedras que seriam excelentes para construir casas na aldeia.

O tesouro, chamemos-lhe assim, dos duzentos quilos de cassiterite, esplêndido minério de estanho, que fora enterrado e escondido quase na base da vertente leste do castro — a ele me referi no trabalho publicado em 1958 — é mais um elemento que colide com a hipótese da romanização.

Seja como for, o certo é que o castro de Carvalhelhos, embora pequeno, é cheio de interesse arqueológico, o que me leva a prosseguir no seu estudo, dentro das possibilidades de que dispomos e que, infelizmente, estão longe de ser amplas.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. de Antrop. da F. C. da Univ. do Porto e Director do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»